



Reitor

Zaki Akel Sobrinho

Vice-Reitor

Rogério Andrade Mulinari

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Deise Cristina de Lima Picanço

Diretora da Editora UFPR

Suzete de Paula Bornatto

Vice-Diretor da Editora UFPR

Allan Valenza da Silveira

Conselho Editorial

Allan Valenza da Silveira

André de Macedo Duarte

Emerson Gabardo

Everton Passos

Márcia Santos de Menezes

Naotake Fukushima

Sérgio Luiz Meister Berleze

Ensaio de Filosofia em homenagem a
Carlos Alberto R. de Moura

Débora Cristina Morato Pinto
Luiz Damon Santos Moutinho
Marcus Sacrini
Monica Loyola Stival
(Orgs.)

Editora
UFPR

© Débora Cristina Morato Pinto, Luiz Damon Santos Moutinho,
Marcus Sacrini, Monica Loyola Stival (Orgs.)

Ensaio de filosofia em homenagem a
Carlos Alberto R. de Moura

Coordenação editorial
Rachel Cristina Pavim

Revisão
Maria Cristina Périgo e Mariana Capel Xavier

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
Rachel Cristina Pavim

Revisão final
dos organizadores

Série Pesquisa, n. 277

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca Central. Coordenação de Processos Técnicos.

E59

Ensaio de filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura/
Débora Cristina Morato Pinto, Luiz Damon Santos Moutinho,
Marcus Sacrini [et al.] (Organizadores). - Curitiba: Editora UFPR, 2015.
258p. - (Série Pesquisa; 277)

ISBN 978-85-8480-021-6

1. Filosofia contemporânea. 2. Fenomenologia. 3. Moura, Carlos
Alberto R. de. I. Título. II. Série.

CDD 101
CDU 165.6

ISBN 978-85-8480-021-6

Ref. 803

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar - Centro
Tel.: (41) 3360-7489 / Fax: (41) 3360-7486
80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil

www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

2015

SUMÁRIO

- Apresentação / 7
Os organizadores
- Fenomenologia é tema de livro “subversivo” / 9
Gérard Lebrun
- Pensando a arte / 17
Maria Lúcia Cacciola - USP
- Sobre a Estética Kantiana do Belo e do Sublime / 31
Guido Antônio de Almeida - UFRJ/CNPq
- Duas Interpretações do Realismo Direto: Tomás de Aquino e Descartes / 53
Raul Landim Filho - PPGLM/CNPq
- Sobre a expulsão dos poetas na *República* / 79
Marco Zingano - USP
- Existência e significância / 115
Acylene Maria Cabral Ferreira - UFBA
- Locke, Hume e a *way of ideas* / 143
Fernão de Oliveira Salles dos Santos Cruz - UFSCar
- Nota crítica sobre a filosofia neokantiana de Léon Brunschvicg / 163
Leandro Neves Cardim - UFPR
- Leituras de Merleau-Ponty / 183
Luiz Damon Santos Moutinho - UFPR
- O papel da história em *A filosofia como ciência rigorosa* / 199
Marcus Sacchini - USP
- A questão da distinção entre ideia e percepção de ideia na filosofia de Berkeley / 217
Maria Adriana Cappello - UFPR
- Diferença e síntese em Hume e Foucault / 247
Monica Loyola Stival - UFSCar

EXISTÊNCIA E SIGNIFICÂNCIA

Acylene Maria Cabral Ferreira - UFBA

INTRODUÇÃO

Qual será a esfera de interseção entre existência e significância? Encontramos a resposta na leitura dos textos de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, principalmente, naqueles em que ele discute e analisa o plano do categorial em Husserl, seja no sentido estrito da predicação ou no sentido mais geral do antepredicativo. Entre as análises de Carlos Alberto, a que mais nos impactou foi aquela sobre os limites da fenomenologia frente à temática da objetividade. Diante de tais limites, a fenomenologia transcendental, apesar de reconhecer o domínio da facticidade da experiência refletida na facticidade interior à intencionalidade, não pode dizer nada sobre o conteúdo dos objetos constituídos, porque estes têm determinações que não remetem à subjetividade¹. Como os limites da fenomenologia transcendental apontam para a racionalidade do mundo fático, tema legítimo da filosofia, mas que escapa à subjetividade transcendental, a fenomenologia husserliana abriu espaço e foi fundamental para o surgimento de outros campos de atuação da fenomenologia, por exemplo, a ontologia da facticidade e a fenomenologia hermenêutica de Heidegger, o existencialismo de Sartre e a filosofia da existência de Merleau-Ponty.

1 Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. Husserl nos limites da fenomenologia. In: *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001. p. 150-157.

A impossibilidade da fenomenologia transcendental de julgar sobre a facticidade e o ser no mundo foi determinante para o esboço de nossa problemática: em que medida a existência é a estrutura essencial do ser-no-mundo e da possibilidade de constituição da significância do mundo? Recorreremos ao plano do categorial, mais especificamente ao “elemento do ‘categorial’ presente na esfera antepredicativa. Ele delimita exatamente a região necessária à *mediação* entre o entendimento e a sensibilidade, sem ser exatamente localizável em nenhum deles.”² Pois, partimos do pressuposto que a esfera antepredicativa responde pela interseção entre existência e significância na fenomenologia hermenêutica. Mesmo que Husserl não reconheça o estentor de sua filosofia na ontologia fundamental, que a classifique como metafísica, antropologia ou psicologia, ainda assim ela é fenomenológica e opera no domínio do transcendental e do antepredicativo, obviamente, não mais no âmbito da intencionalidade e da subjetividade transcendental, mas neste do compreender hermenêutico e do *Dasein*.

Na parte preliminar dos *Prolegomena a história do conceito de tempo* (1925), Heidegger discute o que para ele seriam as descobertas fundamentais da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade, a intuição categorial e o sentido originário de *a priori*. Na parte principal desta preleção encontramos a tematização da questão do sentido de ser, do *Dasein* e do tempo. Esta parte principal foi retomada, desenvolvida e publicada em 1927 com o título de *Ser e tempo*. Porém, nesta obra o autor não faz referência aos conceitos concebidos anteriormente, que foram basilares para a elaboração da ontologia fundamental, principalmente, aqueles contidos nas preleções de 1925 e de 1923 (*Ontologia: hermenêutica da facticidade*). Entendemos que a parte preliminar da preleção de 1925, que não aparece na obra de 1927, é extremamente importante para a estruturação da fenomenologia hermenêutica, porque tais reflexões contribuíram para a constituição do conceito de *Dasein* e para a elaboração da analítica existencial.

2 Ibidem, p. 147.

Se para Husserl a filosofia somente era possível como fenomenologia, via lógica transcendental, para Heidegger a fenomenologia somente seria possível como ontologia, via hermenêutica. “Em *Ser e tempo*, [...] a consciência é pura e simplesmente colocada entre parênteses – o que constituiria um escândalo para Husserl. Em lugar da *Bewusstsein* (consciência) há o *Dasein*. [...] A consciência se enraíza no *Dasein*.”³ E este se enraíza em sua ocupação com o mundo circundante. Enraizada na vida cotidiana do *Dasein*, a consciência é constituída pela mundanidade do mundo. Assim, ela não é mais uma consciência constituinte, absoluta e sem mundo que, intencionalmente, doa sentido para as coisas, antes, ela é uma consciência mundana, constituída e derivada do existencial do compreender hermenêutico, o qual dá sentido ao mundo. Na ontologia fundamental, a consciência é um modo de ser do *Dasein*.

Husserl e Heidegger consideravam o mundo como transcendente, como este “fora” em direção ao qual a consciência e o *Dasein* se dirigem. A diferença está em como cada uma destas fenomenologias doa sentido ao mundo, ou como significação dada pela intuição categorial na intencionalidade, ou como significância de mundo doada pela estrutura hermenêutica do compreender. O deslocamento da consciência como constituinte do sentido do mundo para a consciência como modo derivado da compreensão prévia registra uma das diferenças conceituais entre a fenomenologia descritiva de Husserl e a fenomenologia hermenêutica de Heidegger. No entanto, este distanciamento não retira a influência nem apaga a relevância que o pensamento de Husserl exerceu na formação filosófica de Heidegger e, conseqüentemente, na elaboração de conceitos fundamentais e determinantes de sua filosofia. Aliás, “não é demais dizer que o modelo da filosofia do jovem Heidegger é essencialmente husserliano.”⁴ Ou, ainda, que en-

3 HEIDEGGER, Martin. Le séminaire de Zähringen. In: *Question IV*. Paris: Gallimard, 1976. p. 467-468.

4 CROWELL, Steven Galt. Heidegger and Husserl: The Matter and Method of Philosophy. In: DREYFUS, H.; WRATHAL, M. (Org.). *A Companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 50.

contramos vestígios da fenomenologia transcendental em textos posteriores a *Ser e tempo*, nos quais não há mais menção à filosofia do mestre e nos quais presenciemos o deslocamento da questão da verdade do ente para esta da verdade do ser.

A partir da análise do conceito de intuição categorial, que aparece no parágrafo 6 da preleção de 1925, especificamente na parte intitulada de verdade como identificação demonstrativa, pretendemos mostrar a marca da fenomenologia husserliana presente na fenomenologia heideggeriana. Não pretendemos reconstituir aqui o conceito de intuição categorial para compará-lo às análises de Heidegger nem tão pouco discutir se tal apropriação é legítima e pertinente, pois isto já foi feito por alguns dos estudiosos destes pensadores. Nosso ponto de partida axial centrar-se-á na seguinte afirmação: “a verdade pode ser designada em um modo triplo: como experiência da coisa, como ato-estrutura do conhecimento (intencionalidade) e como significando ser.”⁵

Nossa hipótese consiste em que este modo triplo de designação da verdade é o tripé conceitual que fundamenta a concepção da estrutura formal da questão do ser, da totalidade do todo estrutural do *Dasein* (cura) e da verdade originária. Mostraremos este entrelaçamento, pontualmente, nos *Prolegomena a história do conceito de tempo*, em *Ser e tempo* e no *Seminário de Zähringen*. Nosso objetivo será indicar, através da leitura heideggeriana das *Investigações lógicas*, como a esfera antepredicativa, na qual encontramos a região do categorial, “que *por princípio* sempre ‘excede’ o sensível, como a esfera do inaparente ou do invisível”⁶, está incrustada na questão da verdade do ser. Nosso desafio será mostrar como, na visão de Heidegger, a esfera antepredicativa da intencionalidade transfigura-se na região antepredicativa da abertura de ser, que funda a verdade

5 Cf. HEIDEGGER, Martin. *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1994. p. 69-71.

6 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. Sensibilidade e entendimento. In: *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001. p. 344.

originária e constitui o *Dasein* como antecipação. É preciso frisar que “a teoria da intuição categorial de Husserl não encontra nenhum lugar na fenomenologia hermenêutica de Heidegger. [...] [Mas, este] princípio da fenomenologia foi e permaneceu a fonte de inspiração para a ontologia fundamental de *Ser e tempo*.”⁷ E também para a concepção da verdade como clareira do ser.

Nossa exposição constará de três partes seguindo a designação do modo triplo do conceito de verdade. Na primeira, nos ocuparemos em apontar como através da esfera antepredicativa fazemos a experiência do ser e como esta é fundamental para a elaboração da estrutura formal da pergunta sobre o ser. Na segunda, trataremos da esfera antepredicativa como fundamento do primeiro momento da totalidade do todo estrutural da cura (*Sorge*), a existencialidade do *Dasein* fático, procurando indicar que a existência é o ato-estrutura da verdade do ente. Na terceira, apresentaremos como a esfera antepredicativa constitui o sentido de ser como significância do mundo, com a finalidade de mostrar que a verdade predicativa se funda na verdade antepredicativa, ou seja, que o caráter apofântico da verdade ôntica se funda na estrutura hermenêutica da verdade ontológica.

A EXPERIÊNCIA DO SER

O primeiro conceito de verdade concerne ao ser idêntico do presumido com o intuído. [...] A peculiaridade desta correlação estrutural consiste em que – a evidência é experienciada na apreensão da própria coisa intuída. A correlação é peculiar nisto que *alguma coisa é experienciada, mas não apreendida*. [...] É precisamente através desta intencionalidade particular do ser-junto-da-coisa que esta intencionalidade, ela mesma não temática em sua realização, é imediata e transparentemente

7 CARMAN, Taylor. The principle of phenomenology. In: GUIGNON, C. B. (Org.). *The Cambridge Companion to Heidegger*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 105.

experienciada como verdadeira. Este é o sentido fenomenológico de dizer que na percepção evidente eu não estudo tematicamente a verdade da própria percepção, mas sim que vivo na verdade. [...] Verdade, neste sentido, é vista com respeito ao correlato do ato de identificação⁸.

Qual a contribuição deste primeiro conceito de verdade para a elaboração da estrutura formal da pergunta sobre o ser? A caracterização da esfera antepredicativa da verdade, embora não temática, é “transparentemente experienciada como verdadeira”. Na verdade antepredicativa, a evidência da coisa é experienciada e não apreendida. Na experiência da coisa, ou seja, “nesta intencionalidade particular do ser-junto-da-coisa”, neste dirigir-se em direção à coisa, experienciamos a verdade como vivência da evidência não articulada e imediata da coisa. O que vivemos como verdadeiro e como evidência transparente, na experiência da coisa, concerne ao modo *como* a coisa aparece nela mesma e não ao sentido no qual ela é apreendida. Assim, o verdadeiro é-nos dado na esfera antepredicativa como vivência da experiência da aparição da coisa, que coincide com o momento de manifestação ou doação do modo de ser da coisa. Quer dizer, vivemos o verdadeiro como experiência do fenômeno de ser. Este modo peculiar de viver o verdadeiro na esfera antepredicativa, em direção à coisa enquanto fenômeno, designa o caráter fenomenológico da verdade como experiência do ser da coisa. Se na verdade antepredicativa vivenciamos o não temático como verdadeiro, podemos inferir que a esfera antepredicativa da verdade consiste na região do inaparente e do invisível, através da qual experienciamos a verdade como evidência imediata e transparente do modo de ser da coisa. Como a região do inaparente pode tornar a coisa transparente nela mesma? Na esfera antepredicativa, a região do inaparente e invisível, do não temático e não articulado excede a própria coisa.

8 HEIDEGGER, M. *Prolegomena...* Op cit., p. 69.

Isso que excede o sensível e aponta para uma outra região é o 'categorial'; [...] que nunca encontra seu preenchimento no visível. [...] Se eu vejo a cor, não vejo o 'ser colorido', a palavra 'ser' excede o domínio da intuição sensível, não se pode encontrar o seu correlato no objeto – ou naquilo que é “ôntico”. [...] Se não podemos ter uma intuição sensível daquilo que é categorial, é porque o categorial não designa nada de 'real' nos objetos⁹.

Seguindo a interpretação heideggeriana, a descoberta do categorial como a região na qual “a palavra 'ser' excede a intuição sensível”, introduz a descoberta do categorial como a esfera antepredicativa que excede a esfera predicativa. O categorial antepredicativo identifica o presumido, no intencionar, com o intencionado (fenômeno) no sensível. Tal coincidência funda a intuição sensível e esta constitui o objeto sensível. A verdade, nesta região antepredicativa do categorial, é vista como o correlato do ato de identificação, como intenção de significação. Neste nível temos a verdade antepredicativa. Onde encontramos a região do categorial que funda a intuição sensível? Na intuição categorial; nela o ser aparece como o excedente do real, como o que é visado significativamente. A intuição categorial efetiva a síntese de preenchimento entre a intenção de significação e a intuição. E a síntese de preenchimento institui a identidade entre o visado e o intuído, constituindo o objeto categorial e a verdade como predicação. Somente neste preenchimento de significação efetivado pela intuição categorial o ser aparece como dado ou pelo menos como presumivelmente dado, visto que ele não é nada de sensível nem nada de perceptível. Na intuição categorial, a palavra “ser” nos dá aquilo em vista de que algo é visado, ela concede a doação do sentido de *como* a coisa foi intuída. Assim, a região do categorial institui uma diferença entre intuição sensível e intuição categorial, objeto sensível e objeto cate-

9 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. Sensibilidade e entendimento. In: *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001. p. 344-345.

gorial, entre a esfera antepredicativa e a predicativa. São estas distinções apontadas por Husserl e suas correlações em sínteses de identificação e de preenchimento que fascinam Heidegger e são um estímulo para a virada hermenêutica da fenomenologia. Entretanto, nos adverte Carlos Alberto, nas *Investigações lógicas* a intuição categorial está restrita ao nível predicativo, como uma síntese de preenchimento de significação. Husserl abordará o categorial como antepredicativo em 1908, onde ele

[...] já oporá um ‘sentido mais geral de categorial’ ao categorial meramente ‘predicativo’. [...] Em *Lógica formal e transcendental*, [...] [ele distinguirá] um categorial ou sintático ‘em geral’, que já surge na esfera antepredicativa, e um categorial no sentido estrito, circunscrito à esfera específica do juízo. [...] [E em *Experiência e juízo*] as ‘formas categoriais’ [...] já se ‘pré-constituem’ na esfera da ‘experiência’¹⁰.

Como a esfera antepredicativa desemboca na elaboração da pergunta sobre o ser? Tanto nos *Prolegomena* quanto em *Ser e tempo*, a pergunta sobre o ser se fundamenta no *Dasein* e “é determinada pelo sentido do princípio fenomenológico entendido radicalmente – às coisas mesmas – deixar que os entes sejam vistos como entes em seu ser.”¹¹ Os parágrafos 15 a 17 da preleção de 1925 e os parágrafos 2 a 4 de *Ser e tempo* tratam da estrutura formal da pergunta sobre o ser e mostram como esta estrutura é determinada pela experiência do ser da coisa que, como dissemos, é antepredicativa, pois “deixa que os entes sejam vistos em seu ser”. Enquanto a pergunta sobre o ser, nos textos de 1925 e de 1927, direciona-se à *coisa mesma*, isto é, questiona-se sobre o ser do ente, Heidegger considera que, neste período, seu pensamento encontrava-se refém da metafísica tradicional, que desde os gregos compreende ser em relação ao ente.

Qual é a estrutura da pergunta sobre o ser? Do nosso ponto de vista, a estrutura formal da pergunta sobre o ser recebe sua formulação do modo

10 Ibidem, p. 356-361.

11 HEIDEGGER, M. *Prolegomena...* Op cit., p. 186.

tripla de designação da verdade, que encontramos nos *Prolegomena*. Logo, ela exala uma inspiração husserliana e apresenta uma estrutura tripla. Nos *Prolegomena*, inicialmente, o primeiro momento estrutural da pergunta sobre o ser é o perguntado (*Erfragte*) – o sentido de ser. Ao questionarmos sobre o ser de um ente, encontramos como resposta o sentido de ser deste ente, que de alguma forma já se encontra velado na própria pergunta. Mas em seguida vemos que, claramente, o primeiro momento da pergunta sobre o ser é o interrogado (*Befragte*) – o ente, este que, necessariamente, será experienciado nele mesmo. Já em *Ser e tempo*, o primeiro momento estrutural da pergunta sobre o ser é o questionado (*Gefragte*), ou seja, o ser, “o que determina o ente como ente, o em vista de que o ente já está sempre sendo compreendido, em qualquer discussão.”¹²

Por que na preleção de 1925 Heidegger considera o interrogado (ente) como o primeiro momento estrutural da pergunta sobre o ser, e em 1927 ele afirma que o primeiro momento é o questionado (ser)? Qual deles podemos correlacionar à verdade como experiência do ser (primeiro conceito de verdade)? O questionado, pois quando interrogamos sobre o ente nele mesmo, questionamos sobre o seu ser, por isto, na experiência do ente, no ser-junto-da-coisa, o que aparece é o ser. Neste momento em que vivemos o ente em sua transparência imediata fazemos a experiência do ser deste ente e não do ente mesmo. No questionado, vivemos o ser como a evidência de “que alguma coisa é experienciada” nela mesma e não apreendida. Similarmente à verdade antepredicativa, na pergunta sobre o ser nos dirigimos ao ente e experienciamos o ser como fenômeno. Talvez porque a pergunta sobre o ser se dirija ao ente nele mesmo, Heidegger tenha afirmado, na preleção de 1925, que o primeiro momento da pergunta sobre o ser era o interrogado (ente). No entanto, como o que é experienciado no ente interrogado é o em vista de que ele é questionado (o ser), em *Ser e tempo*, Heidegger reconsiderou a sua afirmação de 1925 e corroborou que o primeiro momento da estrutura formal da pergun-

12 HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 41.

ta sobre o ser é o questionado. Nele, acessamos o ente pela experiência do ser, pelo em vista de que compreendemos o ente. Assim, a verdade do ente experienciada no questionado (primeiro momento estrutural da pergunta sobre o ser) condiz com a verdade antepredicativa (primeiro conceito de verdade).

A mudança de posição do interrogado (*Prolegomena*) para o questionado (*Ser e tempo*) como lugar do primeiro momento da estrutura da pergunta sobre o ser, por um lado, reforça a tese de que a esfera antepredicativa, enquanto experiência do ser, constitui o primeiro momento estrutural da pergunta sobre o ser e, por outro, ela consubstancia a nossa hipótese de que a estrutura formal da pergunta sobre o ser está incrustada no modo triplo de designação da verdade tal como enunciado nos *Prolegomena*. O entrelaçamento dos primeiros momentos da verdade e da pergunta sobre o ser nos leva à confluência do plano do categorial, como a região na qual o ser excede o sensível, com a esfera antepredicativa, como a região na qual fazemos a experiência do ser de um ente. Mediante esta confluência, Heidegger entende a fenomenologia como ontologia e confirma, no *Seminário de Zähringen*, “que a intuição categorial apareceu sem de modo algum sobressair de uma temática ontológica explícita. [...] Em sentido rigoroso, não há questão em busca do ser em Husserl.”¹³ Mas isto não significa que Husserl não tenha preparado o solo para o nascimento da questão do ser e para o surgimento da verdade fenomenológica ou transcendental (abertura de ser).

A EXISTÊNCIA COMO ATO-ESTRUTURA

Como o modo triplo de designação da verdade (*Prolegomena*) fundamenta a totalidade do todo estrutural do *Dasein* (cura)? Qual a relação entre a estrutura formal da pergunta sobre o ser e a estrutura existencial da cura? Nos *Prolegomena* e em *Ser e tempo*, o perguntado (*Erfragte*) – sen-

13 HEIDEGGER, M. Le séminaire... Op cit., p. 469-462.

tido de ser – aparece como o terceiro momento estrutural da pergunta sobre o ser. A mudança de posição ocorrida de 1925 para 1927 quanto ao primeiro momento da estrutura formal da pergunta sobre o ser implica na mudança de posição do segundo momento estrutural da pergunta. Nos *Prolegomena*, o segundo momento é o questionado (*Gefragte*), em *Ser e tempo* este é o interrogado (*Befragte*). Com esta mudança de posição Heidegger registra que o *Dasein* é o ente interrogado em seu ser, já que ele é o ente que se constitui como abertura de ser; por isto, ele é o ente que faz a experiência do ser e vive na verdade do ente. O fenômeno de ser, em vista do qual o *Dasein* se compreende como ente que se interroga sobre o seu próprio ser, é a existência.

Em que medida o segundo conceito de verdade (*Prolegomena*) expõe os vestígios da intencionalidade na fenomenologia hermenêutica? Quando entendemos que a existência é o ato-estrutura da evidência mesma do *Dasein*; pois somente enraizado no mundo, enquanto um ser-em-junto-ao-mundo, o *Dasein* pode compreender ser. Por quê?

Correlativamente, nós podemos obter um *segundo* conceito de verdade proporcionado pela *Intentio*, não em um conteúdo do ato, mas no ato mesmo. O que é agora tematizado não é o ser idêntico do que é intencionado na pressuposição e intuição, mas sim o *ato-estrutura da evidência mesma como esta identificação correspondente*. [...] Verdade é agora tomada como caráter do conhecimento, como ato, isto é, como intencionalidade.¹⁴

Se no primeiro conceito de verdade a “intencionalidade, ela mesma não temática em sua realização”, implicava na experiência do ser e na verdade antepredicativa, no segundo conceito de verdade Heidegger indica que a intencionalidade é vista como o próprio ato que estrutura o conhecimento. Dessa maneira, a intencionalidade corresponde à verdade que funda o conhecimento. Isto significa que a intencionalidade, enquanto ato-estrutura do conhecimento, concerne tanto à evidência como ato

14 HEIDEGGER, M. *Prolegomena...* Op cit., p. 70.

de identificação da verdade antepredicativa (não temática) na intuição sensível, quanto à evidência como ato de preenchimento de significação e como verdade predicativa (temática) na intuição categorial. A intencionalidade, enquanto ato-estrutura do conhecimento, articula intuição sensível e intuição categorial, isto é, ela identifica verdade antepredicativa e verdade predicativa como a evidência mesma da verdade e do conhecimento. O que está em jogo na intencionalidade, enquanto ato-estrutura do conhecimento, não é o conteúdo do ato de identificação ou o conteúdo do ato de preenchimento, mas é a verdade mesma, quer dizer, a intencionalidade como o próprio ato do conhecimento. Paralelamente, porque a existência condiz tanto ao primado ôntico do *Dasein* – “um ente determinado em seu ser pela existência”¹⁵ –, quanto ao primado ontológico do *Dasein* – “com base em sua determinação de existência, a presença [*Dasein*] é em si mesma ontológica”¹⁶ –, entendemos que a existência é o ato-estrutura do *Dasein*. Existindo, o *Dasein* questiona sobre o que são os entes neles mesmos, faz a experiência dos entes e de si mesmo como experiência do ser e vive na verdade do ser do ente. Semelhante à intencionalidade, a existência articula e reúne os primados ôntico-existencial e ontológico-existencial do *Dasein*. Por isto, consideramos a existência como ato-estrutura do *Dasein*. Sabemos que a intencionalidade tal como concebida por Husserl está fora da fenomenologia hermenêutica, mas não podemos negar que ela é fundamental para a constituição do conceito de *Dasein* como ser-no-mundo: existência.

Aqui importa reconhecer o estímulo que Heidegger recebeu da noção husserliana de intencionalidade. O trabalho de Heidegger, neste estímulo recebido, consistiu em investigar as implicações radicais da intencionalidade. [...] Em uma palavra, é necessário reconhecer que a consciência está fundada no *Dasein*¹⁷.

15 HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 49.

16 *Ibidem*, p. 49.

17 HEIDEGGER, M. *Le séminaire...* Op cit., p. 472.

E que a intencionalidade está enraizada na abertura de ser que constitui o *Dasein* fático (ser-no-mundo). Assim, a consciência não está mais fechada nela mesma¹⁸. Com isto, *Ser e tempo* desloca o lugar que a consciência antes ocupava na filosofia: uma subjetividade ensimesmada. Este deslocamento do lugar da consciência nos remete para outro deslocamento, este do lugar da intencionalidade como ato-estrutura da verdade do conhecimento para a existência do *Dasein* como o ato-estrutura da verdade do ente. Além de evidenciar tal deslocamento, o segundo conceito de verdade de 1925 apresenta a peculiaridade de correlacionar e articular o primeiro conceito de verdade (a experiência do ser) ao terceiro conceito de verdade (a significação do ser). Desta maneira, o segundo conceito de verdade nos ajudará a estabelecer o nexó ontológico entre os momentos estruturais da pergunta sobre o ser e estes da estrutura da cura. Como?

Se a existência é o ato que estrutura o *Dasein*, então as estruturas que constituem o modo de ser do *Dasein* são chamadas de existenciais. “Entendemos a existencialidade como a constituição de ser de um ente que existe.”¹⁹ E denominamos a totalidade do todo estrutural da existência de cura. Partimos do pressuposto que o conceito de cura se fundamenta no modo triplo de designação da verdade, não somente porque seus momentos estruturais são três: existencialidade, facticidade e decadência; mas também porque podemos perceber neles a mesma inspiração husserliana que permeia a preleção de 1925. Da mesma forma que a intencionalidade é o ato-estrutura do conhecimento (segundo conceito de verdade), a facticidade (segundo momento da cura) é o ato-estrutura da cura, visto que a facticidade concerne à própria existência do *Dasein*. Enquanto facticidade o *Dasein* é um ente lançado no mundo, um ser-em enraizado no mundo. Se o segundo conceito de verdade é o elo de ligação entre o primeiro e o terceiro conceito de verdade, então a facticidade é a estrutura existencial que estabelece o nexó ontológico entre as estruturas da existencialidade

18 Cf. *Ibidem*, p. 473.

19 HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 49.

(anteceder-se-a-si-mesmo) e da decadência (ser-junto-a-mundo). Porém, a existencialidade é a estrutura primordial da cura, pois ela determina o *Dasein* como o ente que existe em direção ao mundo e faz a experiência do ser. Existindo, o *Dasein* se interroga sobre o ente que ele mesmo é. Questionando-se sobre seu próprio ser, o *Dasein* transcende a sua própria existência em direção ao ser. De acordo com nossas considerações referentes à pergunta sobre o ser, podemos agora correlacionar a facticidade ao interrogado (ente/existência) e a existencialidade ao questionado (ser/abertura). Já o caráter de transcendência do *Dasein* nos permitirá estabelecer o nexos ontológico entre a existencialidade (primeira estrutura da cura), o questionado (primeiro momento estrutural da pergunta sobre o ser) e a experiência do ser (primeiro conceito de verdade). O que possibilita a conjunção destes primeiros momentos estruturais? A esfera antepredicativa. E o que propicia o nexos ontológico entre os segundos momentos estruturais da verdade (intencionalidade), da pergunta sobre o ser (interrogado) e da cura (facticidade)? O *Dasein*: o ente que existe numa abertura de ser.

“Sobre o que se funda o ter-visto de toda consciência? Sobre a possibilidade radical para o ser humano de atravessar uma abertura para chegar às coisas. Este ser-em-uma-abertura, [...] *Ser e tempo* nomeia [...]: *Dasein*.”²⁰ Notoriamente, a abertura de ser constitutiva do *Dasein* é necessária para que ele transcenda a si mesmo em direção ao ser, para então compreender a verdade do ente. Existindo na abertura de ser, o *Dasein* atravessa a localidade do ser e chega à região do ente. Na transcendência o *Dasein*, ao compreender o fenômeno de ser de um ente, dá sentido ao ente e o significa em um determinado modo de ser e não em outro. Assim, a transcendência, enquanto movimento de ultrapassagem do *Dasein* em direção à verdade do ente, constitui a significância do mundo. Se, comparativamente, na intencionalidade a consciência atravessa o “momento significativo” da palavra “ser” para chegar à possibilidade do conheci-

20 HEIDEGGER, M. Le séminaire... Op cit., p. 468.

mento da coisa, é plausível considerar, como faz Heidegger, que a intencionalidade está fundada no caráter transcendental da abertura de ser do *Dasein*. Porém, observa Carlos Alberto, aos olhos de Husserl isto constituiria “a falência mesma do projeto transcendental.”²¹ Como o “projeto transcendental” é viabilizado na fenomenologia hermenêutica?

Enquanto a transcendência do *Dasein* se dá, justamente, no “entre” ser e ente ou “entre” *Dasein* e mundo, Heidegger explicita que a transcendência consiste no próprio movimento de ultrapassagem e de travessia, que possibilita a constituição ontológica do *Dasein* e do mundo. Logo, a transcendência não é nada *do* ser nem nada *do* objeto, não é da ordem do sensível ou do perceptível, não é espacial nem ideal, antes, ela é a abertura de ser que constitui o nexos ontológico enquanto doação do modo de ser do *Dasein* e da mundanidade do mundo. Nesta perspectiva, a transcendência é o “entre” do qual se origina a diferença entre ser e ente, ela é a “dobra do ser”, na qual não vislumbramos o diferenciável que nomeia ser e ente. Em seu movimento de transcendência em direção ao mundo, neste ser-em-uma-abertura para chegar à região do ente, o *Dasein* atravessa o fenômeno de ser em direção ao sentido de ser de um ente para chegar à conceitualidade do mundo. Essa travessia designa o caráter transcendental do *Dasein*.

Com este termo [*transcendental*] é denominado tudo aquilo que faz parte essencialmente da transcendência e dela recebe de empréstimo sua possibilidade interna. E é somente por causa disto que a clarificação e interpretação da transcendência também pode ser chamada de uma exposição ‘transcendental’²².

21 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. Husserl: significação e existência. In: *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001. p. 171.

22 HEIDEGGER, Martin. A essência do fundamento. In: *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 151.

Portanto, enquanto a transcendência é uma constituição essencial e fundamental do *Dasein*, ela é transcendental e não fática. E porque a transcendência constitui a abertura de ser do *Dasein*, ela é ontológica em vez de ideal ou gnosiológica. Disposto na travessia transcendental, o *Dasein* compreende algo dado (ente) em relação ao que não está dado (ser), mas presumido e visto como fenômeno. Similarmente como “a análise intencional dos fenômenos vai verificar como algo dado remete a outra coisa.”²³ Na medida em que Heidegger denomina de transcendental “tudo aquilo que faz parte essencialmente da transcendência”, podemos inferir que a esfera antepredicativa é a base para a vivência da verdade antepredicativa, para a articulação da verdade predicativa e para a constituição ontológica da facticidade do *Dasein* e da fatualidade do mundo.

Ainda como forma de acentuar o aspecto transcendental da fenomenologia hermenêutica, faremos uma leitura *especular* da seguinte afirmação de Carlos Alberto: “tudo se passa como se o código ‘fenomenológico’, desde que bem compreendido, nos encaminhasse inevitavelmente para o ‘transcendental’, quer dizer, para uma ‘região’ por princípio ‘fora do mundo’”²⁴. Ora, se a transcendência é o fundamento da diferença ontológica, no qual se constitui o modo de ser do *Dasein* e da mundanidade do mundo, então, podemos afirmar que na transcendência o ser excede o ente. Dessa maneira, na transcendência do *Dasein* em direção ao mundo, a experiência do ser de um ente, enquanto vivência do fenômeno, se dá fora no mundo, junto ao ente. Entretanto, vale salientar que este estar “fora” do *Dasein* é também um estar “dentro” no mundo, porque é o *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, que conhece a mundanidade do mundo²⁵.

Podemos dizer que no movimento de ultrapassagem da transcendência o *Dasein* está *fora no mundo*, visto que, existencialmente, ele é

23 MOURA, C. A. R. Husserl... Op cit., p. 179.

24 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. Intencionalidade e existência: Husserl e Merleau-Ponty. In: VALVERDE, Monclar. *Merleau-Ponty em Salvador*. Salvador: Quarteto, 2008. p. 23.

25 Cf. HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 109.

facticidade (ser-em lançado no mundo) e decadência (ser-junto-ao-mundo). Também podemos considerá-lo *fora do mundo*, porque ele é essencialmente existencialidade (anteceder-se-a-si-mesmo), a estrutura da cura na qual o *Dasein* compreende a si e ao mundo como fenômeno, “como o que se mostra enquanto ser e estrutura de ser.”²⁶ Na existencialidade o *Dasein* está “suspensão do mundo” (*fora do mundo*), já que ele está no “entre” *Dasein* e mundo, na dobra “entre” ser e ente, ou seja, ele está situado na transcendência. Assim, na existencialidade o *Dasein* antecipa e projeta ser no mundo, nesta projeção ele transcende a si mesmo e se dirige em direção ao mundo, o qual já está sempre pressuposto como significância: como sentido de ser. Frente a tais considerações, entendemos que a fenomenologia hermenêutica é um desdobramento do projeto da fenomenologia transcendental e não uma “falência” do mesmo.

Como a esfera antepredicativa determina a existencialidade do *Dasein*? Enquanto existência e facticidade o *Dasein* é ser-no-mundo, o ente que existe em e junto ao mundo. Na existencialidade, a abertura de ser do *Dasein* é o anteceder-se-a-si-mesmo. Esta abertura estrutura o *Dasein* como o ente que vive antecipando suas próprias possibilidades de ser. Na analítica existencial, a abertura que lança na existência as possibilidades de ser do *Dasein* é o projeto, a abertura do existencial do compreender. “Em seu caráter existencial de projeto, compreender constitui o que chamamos de *visão*.”²⁷ No compreender as possibilidades de ser do *Dasein* são vistas e projetadas na existência como a pressuposição do modo como o *Dasein* pode ser em sua facticidade. Na cura, as aberturas do anteceder-se-a-si-mesmo e do projeto constituem o *Dasein* como poder-ser. Paralelamente à verdade antepredicativa, na existencialidade o *Dasein* vive na verdade como experiência de suas possibilidades de ser; e na facticidade ele vive na verdade como ato-estrutura da existência. Na experiência de seu poder-ser o *Dasein* pressupõe, melhor, antecipa a possibilidade de ser

26 Ibidem, p. 110.

27 Ibidem, p. 207.

que o singularizará neste ou naquele modo. Isto significa que a esfera antepredicativa (primeiro conceito de verdade) é a base para a constituição da existencialidade (primeira estrutura da cura) como experiência do ser. Reciprocamente, na existencialidade o *Dasein* vive na verdade antepredicativa e na facticidade ele vive na verdade do ente.

Na constituição de ser da presença [*Dasein*] como cura, no anteceder-a-si-mesma, reside o “pressupor” mais originário. *Porque esse pressupor a si mesmo pertence ao ser da presença, “nós” devemos pressupor também a “nós” como algo que se determina pela abertura. [...] O que diz “pressupor”? Compreender alguma coisa como a base e o fundamento do ser de um outro ente. Essa compreensão dos entes em nexos ontológicos só é possível com base na abertura, ou seja, no ser-descobridor da presença*²⁸.

No anteceder-se-a-si-mesmo, que constitui o *Dasein* como existencialidade na cura, reside a abertura de ser-descobridor; nela encontramos o “pressupor” mais originário do *Dasein*. Tal “pressupor” origina-se do nexo ontológico das aberturas do anteceder-se-a-si-mesmo e do projeto. Isto significa que o *Dasein* descobre a verdade dos entes com base na pressuposição e na antecipação de suas próprias possibilidades de ser. Desta forma, a verdade dos entes tem o modo de ser-descobridor do *Dasein*, isto é, o modo de ser dos entes também é projetado e pressuposto como possibilidades de ser desta ou daquela maneira junto ao *Dasein*. Ao direcionar-se ao ente o *Dasein*, disposto no “pressupor” mais originário, atravessa a localidade do ser em direção à região do ente e antecipa o modo como o ente é visto pelo compreender projetivo. Situado no “pressupor” mais originário, o *Dasein* compreende o fenômeno de ser de um ente. Na abertura do anteceder-se-a-si-mesmo, no “pressupor” mais originário, o *Dasein* descobre as possibilidades de ser dos entes ao descobrir as suas próprias possibilidades de ser deste modo e não de outro em sua

28 Ibidem, p. 299.

existência. Se na estrutura da pergunta sobre o ser o *Dasein* é o ente que se questiona sobre o ser do ente, na totalidade do todo estrutural da cura, ele é o ser-descobridor da verdade do ente.

Como acontece o nexa ontológico entre as aberturas do “pressupor” e do ser-descobridor na estrutura da existencialidade? No existencial do compreender como *visão* do *Dasein*, pois a estrutura projetiva do compreender pressupõe, isto é, vislumbra e antecipa possibilidades de ser do *Dasein* em direção ao mundo. Antecedendo suas possibilidades de ser o *Dasein* descobre que ele “é e está na verdade”²⁹. Dizer que o *Dasein* vive na verdade enquanto ser-descobridor, significa dizer que para ele “o mundo já é sempre ‘pressuposto’”³⁰. O mundo presumido na verdade antepredicativa não é o mundo considerado como o conjunto dos entes com os quais o *Dasein* se relaciona em sua existência, antes, o que é pressuposto na abertura de ser-descobridor é a significância do mundo como *visão* do fenômeno de ser de um ente. O nexa ontológico entre as aberturas do projeto, do “pressupor” e do ser-descobridor, no anteceder-a-si-mesmo, funda a abertura da verdade como descoberta dos entes. Enquanto abertura, a verdade é um existencial do *Dasein*. No “pressupor mais originário do anteceder-a-si-mesmo” da cura aparece, de modo não temático, a significância do mundo como experiência do ser e como verdade originária. Da significância do mundo presumida ou antecipada deriva o sentido de ser do *Dasein* e dos demais entes. Correlativamente, a verdade predicativa se funda na verdade antepredicativa ou originária.

“O ser – e não o ente – só ‘se dá’ porque a verdade é. [...] Ser e verdade ‘são’, de modo igualmente originários.”³¹ Pois, são vividos pelo *Dasein* como antecipação projetiva, como presumidos pela *visão* de ser-descobridor do *Dasein* na verdade antepredicativa. Na co-originariedade entre ser e verdade encontramos o nexa ontológico entre o questionado (primeiro momento da estrutura formal da pergunta sobre o ser) e

29 Ibidem, p. 291.

30 Ibidem, p. 120.

31 Ibidem, p. 301.

a existencialidade (primeira estrutura da cura), já que no anteceder-a-si-mesmo o *Dasein* questiona-se sobre o ser que ele mesmo é, existência, e faz a experiência do ser como visão antecipativa e projetiva de suas possibilidades de ser. Em tal questionar-se, o “pressupor” mais originário do *Dasein* descobre o seu poder-ser neste ou naquele modo. Neste nexó ontológico fundado na transcendência do *Dasein*, o ente questionador é o ser-descobridor da verdade. E a facticidade do *Dasein*, a sua existência como poder-ser, é o ato-estrutura da verdade do ente.

VERDADE COMO SIGNIFICÂNCIA DE SER

“Nada na obra escrita de Heidegger mostra em que a diferença [entre intuição sensível e intuição categorial] instituída pela VI *Investigação* estabelece o ‘solo’ da *Seinsfrage*. [...] No entanto, alguma coisa na obra fala.”³² Por exemplo, a diferença entre desvelamento e velamento, existencial e existenciário, ontológico e ôntico ou entre ser e ente, que nos *Problemas fundamentais de fenomenologia* (1927) foi denominada de diferença ontológica.

Na pergunta sobre o ser [*Seinsfrage*], o terceiro momento estrutural é o perguntado (*Erfragte*), o sentido de ser, “enquanto o que propriamente se intenciona, aquilo em que o questionamento alcança sua meta.”³³ Se no *questionado* intencionamos o ser do ente *interrogado* nele mesmo, no *perguntado* visamos o sentido de ser do ente. “Isto que constitui ser denominamos de fenômeno.”³⁴ O que é visto no *questionado* é o fenômeno, o em vista de que o ente é compreendido neste ou naquele modo de ser. E o que é visto no *perguntado* é a compreensibilidade ou o sentido de ser de um ente. No *perguntado* o fenômeno de ser é visado significativamente.

32 TAMINIAUX, Jacques. Remarques sur Heidegger et les *Recherches logiques* de Husserl. In: *Le regard et l'excédent*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1977. p. 165.

33 HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 40.

34 Cf. *Ibidem*, p. 77.

Ganhamos um *terceiro* conceito de verdade ao voltarmos, novamente, em direção ao ente intuído. O verdadeiro pode também ser compreendido no sentido do objeto mesmo que ele é. Enquanto originariamente intuído ele concede a demonstração, ele dá fundamento e legitimidade para a identificação. Verdadeiro diz aqui também tanto quanto o conhecimento *tornado verdadeiro*. Verdade significa aqui tanto quanto *ser; ser-efetivo* [*Wirklich-Sein*]³⁵.

Conforme Carman, Heidegger fica intrigado e impressionado com a ideia de que temos uma intuição direta de ser e não de entes³⁶. Na intuição categorial o ente é intuído no estado de coisa de forma indireta mediante a palavra “é”, que significa o ser deste ente. Ao articular o ser como visado no ente e o sentido como doação de significação do ente intuído, a intuição categorial torna verdadeiro o ente e o conhecimento; ela institui a verdade predicativa. Esta consiste na tematização e demonstração do significado do ente intuído, no estado de coisa, como identificação da verdade do ente. Aqui a “verdade significa tanto quanto *ser; ser-efetivo*”. Se somente experienciamos e vivenciamos ser na esfera do categorial como significação e sentido da coisa, isto implica que vislumbramos ser apenas idealmente. Porém, o ser não é nada de ideal, visto que não é nada de perceptível e não pertence à esfera do entendimento. Mas também o ser não é nada de real, portanto, não pertence à esfera da sensibilidade. Nesta perspectiva, o fenômeno de ser se torna um tema primário e legítimo para uma investigação fenomenológica. “O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. [...] Chama-se ‘fenomenal’ o que se dá e se pode explicitar segundo o modo de encontro com os fenômenos.”³⁷

35 HEIDEGGER, M. *Prolegomena...* Op cit., p. 71.

36 CARMAN, Taylor. The principle of phenomenology. In: GUIGNON, C. B. (Org.). *The Cambridge Companion to Heidegger*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 103.

37 HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 75-77.

Enquanto o terceiro conceito de verdade (*Prolegomena*) indica que a verdade significa o ser do ente de forma predicativa, podemos correlacioná-lo ao perguntado (terceiro momento da pergunta sobre o ser) e à decadência (terceira estrutura da cura). Por quê? É no perguntado que a experiência do ser ganha sentido e o ente é visto em seu ser. Nele, a pergunta sobre o ser alcança sua meta: o em vista de que o ente é compreendido nele mesmo. Já a decadência é a estrutura que determina o *Dasein* como um ser-junto-aos entes, perdido de si mesmo, entregue à familiaridade do mundo e absorvido pela tematização e demonstração do sentido de ser dos entes. Na decadência o *Dasein* visa a conceitualidade do sentido de ser e vive na verdade predicativa. Aí ele vive preso à pretensão do “já ter visto tudo e já ter compreendido tudo.”³⁸ Na decadência o *Dasein* assume, continuamente, o seu ser-em lançado no mundo como significância de mundo. Assim como no perguntado acontece o nexos ontológico entre o questionado e o interrogado, na decadência acontece o nexos ontológico entre a facticidade e a existencialidade. Pois, o ser-em lançado projetivamente no mundo e o anteceder-se-a-si-mesmo do ser-descobridor conquistam as possibilidades de ser desta ou daquela maneira no existencial do ser-junto-ao mundo. Do nexos ontológico das estruturas da existencialidade, facticidade e decadência – cura – origina-se o sentido de ser do *Dasein*. “A questão do sentido da cura é, pois, a seguinte: *o que possibilita a totalidade articulada do todo estrutural da cura na unidade desdobrada de suas articulações* [?]”³⁹. A temporalidade. Ela constitui o sentido de ser do *Dasein* e a totalidade do todo estrutural da cura. Enquanto cura, o *Dasein* pode se experimentar, fenomenalmente, como temporalidade, isto é, como sentido de ser. Nesta perspectiva, dizemos que a verdade significa ser. Como?

Para Husserl, a matéria é um momento abstrato do ato intencional que indica o conteúdo fenomenológico do ato. “A matéria não apenas determina que o ato se dirija a tal objeto e não a tal outro, como também

38 Ibidem, p. 242.

39 Ibidem, p. 408.

determina o modo com que o ato representa seu objeto.”⁴⁰ A matéria intencional determina o *sentido de apreensão* no qual o objeto é apreendido desta maneira e não de outra. Ou seja, a matéria determina o modo *enquanto que* o objeto é identificado na intuição sensível e na intuição categorial. Desta forma, a estrutura *enquanto que* se encontra presente tanto nos atos antepredicativos quanto nos predicativos.

Inspirado e estimulado pela estrutura *enquanto que* do ato intencional, Heidegger concebe o “como” estrutural da interpretação. Em *Ser e tempo*, o existencial da interpretação está fundado no existencial do compreender. A interpretação articula as possibilidades de ser lançadas no mundo pelo compreender projetivo e determina o *Dasein* e demais entes em um ou outro modo de ser. “A interpretação nunca é apreensão de um dado preliminar, isenta de pressuposições.”⁴¹ Quer dizer, o sentido de ser de um ente é a articulação da significância projetada no mundo pelo compreender e do modo “como” esta compreensão pressuposta é explicitada na interpretação enquanto tal significabilidade e não outra. Assim, a experiência de ser de um ente, enquanto compreensão de ser deste ente, é elaborada, como significabilidade do sentido de ser de um ente, no existencial da interpretação pelas estruturas hermenêuticas antecipativas (posição prévia, visão prévia e concepção prévia). Agora a estrutura *enquanto que* indica “como” o ente foi compreendido e “como” ele é explicitado e elaborado. Paralelamente à estrutura *enquanto que* do ato intencional, Heidegger institui o “como” hermenêutico (antepredicativo) e o “como” apofântico (predicativo). Da mesma maneira que o existencial da interpretação se funda no compreender, o existencial do enunciar é derivado da interpretação. No enunciar, o sentido de ser de um ente articulado no compreender interpretativo ganha maior nitidez, pois a enunciação determina a conceitualidade do ente através de sua estrutura predicativa. No enunciar o “como” hermenêutico se modifica no

40 MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. *Crítica da razão na fenomenologia*. São Paulo: EDUSP, 1989. p. 141.

41 HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 211.

“como” apofântico. Aí a significabilidade do sentido de ser de um ente é organizada e tematizada conceitualmente. Nesta medida, o “como” hermenêutico concerne à verdade antepredicativa e o “como” apofântico à verdade predicativa. Reciprocamente, a verdade predicativa é derivada da verdade antepredicativa.

É esta alteração da estrutura ‘enquanto que’, permitindo passar do nível pré-objectivo para o nível objectivo, que possibilita a clara articulação entre a *fenomenologia hermenêutica* de Heidegger e a *fenomenologia explicitativa* husserliana. [...] Compreende-se assim que a fenomenologia hermenêutica se pretenda apresentar como uma autêntica radicalização da fenomenologia husserliana. Ela não surge como resultado de uma ruptura arbitrária, mas em virtude de um aprofundamento, e mesmo como movimento necessário para a sua fundamentação⁴².

Segundo Jean Grondin⁴³, o “como” hermenêutico, enquanto a estrutura através da qual o *Dasein* interpreta compreensivamente algo *como* algo, marca a virada hermenêutica da fenomenologia. Com ela, o *Dasein* atravessa a abertura de ser para chegar ao sentido de ser de um ente em uma determinada conceitualidade. Esta constitui a significância do mundo como um contexto no qual o *Dasein* se situa neste e não naquele modo de ser no mundo. Enquanto enraizado na conceitualidade do sentido de ser dos entes, o *Dasein* vive na verdade predicativa e na decadência, ou seja, ele “se deixa e faz ver fenomenalmente [faticamente].”⁴⁴ Semelhantemente ao terceiro conceito de verdade (*Prolegomena*), no qual “o verdadeiro é compreendido no sentido do objeto mesmo que ele é”, na decadência o *Dasein* se compreende como o ente fenomenal que ele

42 PAISANA, João. *Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença, 1992. p. 127-128.

43 Cf. GRONDIN, Jean. *Le tournant herméneutique de la phénoménologie*. Paris: Puf, 2003. p. 30-29.

44 HEIDEGGER, M. *Ser...* Op cit., p. 244.

mesmo é: existência projetada em e junto ao mundo como abertura de ser. Na decadência o *Dasein* compreende e interpreta enunciativamente o sentido de ser do mundo e se vê como o ente que atravessa a abertura de ser rumo às coisas mesmas. Nesta travessia transcendental o *Dasein* significa ser como verdade e conhecimento do ente.

CONCLUSÃO

Brevemente: como Heidegger se apropriou das descobertas husserlianas da intuição categorial, do *a priori* e da intencionalidade? Enquanto Husserl considerava que “a palavra ‘ser’ excede a intuição sensível” e que o ser não é nada no objeto nem nada do objeto, quer dizer, que ele não é nada de sensível nem de perceptível, Heidegger entende que o ser excede o ente e não se encontra entre os entes nem no ente. Para ambos, o ser não é um juízo, antes, a intuição categorial doa sentido à coisa na medida em que ela libera ser e, por outro, a compreensão prévia e projetiva de ser dá sentido ao ente. Então, a intuição categorial concede a significação da coisa e a estrutura hermenêutica do compreender interpretativo constitui a significância do mundo. Através deste movimento da intencionalidade e do compreender acessamos o mundo e a possibilidade de conhecê-lo. Da mesma maneira que a intuição categorial está pressuposta de algum modo na intuição sensível, também o sentido de ser dos entes já está de algum modo pressuposto na totalidade conjuntural da significância de mundo. Porque o ser excede o sensível e está dado em um modo totalmente diferente deste, podemos colocar o ser no nível do *a priori*, no qual a coisa é vista em sua evidência transparente e imediata ou mediante o qual a intencionalidade e o compreender hermenêutico concedem sentido ao mundo. De certo modo podemos dizer que a aparição ou a manifestação da coisa nela mesma se dá como fenômeno, como aparecimento ou manifestação de ser. Portanto, o que é visto na coisa é o ser como fenômeno, isto é, como modo de doação do sentido da coisa.

Conforme Taminiaux, “as análises de Husserl, que não são nomeadas em *Sein und Zeit*, merecem o elogio de ter levado a *démarche* filosófica à sua autenticidade, ao *apriorismo* empírico.”⁴⁵ À medida que a intuição categorial, enquanto um *a priori*, libera idealmente o ser como excedente, como visado significativamente em “modos subjetivos de doação’ ou ‘fenômenos”⁴⁶, podemos inferir que a intencionalidade é um *a priori* teórico. Mas quando Heidegger enraíza a consciência e a intencionalidade no *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, podemos dizer que há um deslocamento do *a priori* teórico para o *a priori* empírico, ou melhor, prático; visto que “pela primeira vez na história da filosofia, o ser-no-mundo é descoberto como fato primário e irreduzível, sempre já dado e, pois radicalmente ‘anterior’ a toda tomada de consciência.”⁴⁷

A frase “a palavra ‘ser’ excede o real”, lida heideggerianamente, diz o seguinte: o ser transcende o ente, ele é o inaparente e o invisível que dá visibilidade ao ente. Neste movimento de transcendência, experienciamos a transparência imediata do ente e vivemos na verdade do ser. Assim, a transcendência do ser nos remete para a esfera antepredicativa da verdade originária. Ainda, como “o categorial não designa nada de real nas coisas”, o ser não determina nada de fatural nos entes. No entanto, a faturalidade do ente ou a coisidade da coisa não seria apreendida ou significada sem a experiência do ser; esta é necessária para a determinação e a conceitualidade do ente em seu ser.

Diferentemente, o ser para Husserl está restrito à esfera do ideal, do categorial. Já em Heidegger o ser concerne ao ontológico. Saímos de um idealismo transcendental para uma ontologia transcendental. Abandonamos o domínio da consciência absoluta por um domínio da compreensão afetiva, em vez da verdade como adequação nos enveredamos

45 TAMINIAUX, Jacques. Remarques sur Heidegger et les *Recherches logiques* de Husserl. In: *Le regard et l'excédent*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1977. p. 179.

46 Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. O nascimento do conceito husserliano de fenômeno. *Phainomenon*, Lisboa, n. 18-19, p. 41-52, 2011.

47 HEIDEGGER, M. Le séminaire... Op cit., p. 461.

pelos caminhos da verdade originária. Mas, porque o categorial aponta para a palavra “ser”, no *Seminário de Zähringen*, “Heidegger indica que Husserl toca, aflora a questão do ser no sexto capítulo da sexta *Investigação lógica*, com a noção de ‘intuição categorial’. [Esta é para ele] o ponto quente do pensamento husserliano.”⁴⁸ Pois, o influenciou e estimulou a formular a questão do sentido de ser, a concepção da verdade originária e a constituição do *Dasein* como abertura de ser.

48 *Ibidem*, p. 462.